

# Morar, sobreviver, resistir? Presença e ausência de uma alteridade dessemelhante para as imagens urbanas contemporâneas

*¿ Vivir, sobrevivir, resistir? Presencia y ausencia de una alteridad disímil para las imágenes urbanas contemporâneas*

## Sessão Temática: ST05. Lutas urbanas e práticas insurgentes

WILKOSZYNSKI, Artur; Doutor; UNISINOS

[arturdocanto@gmail.com](mailto:arturdocanto@gmail.com)

FERNANDES, Gabriel; Doutorando; UFRGS

[arg.gabrielfer@gmail.com](mailto:arg.gabrielfer@gmail.com)

BITTENCOURT, Lucas; Doutorando; UFRGS

[lboeirab.arg@gmail.com](mailto:lboeirab.arg@gmail.com)

REYES, Paulo; Doutor; UFRGS

[paulobeloreyes@gmail.com](mailto:paulobeloreyes@gmail.com)

## Resumo

Este ensaio parte de dois registros fotográficos que mostram a presença e ausência de moradores em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Vê-se o antes e depois da sua remoção do local onde estavam instalados. O problema a evidenciar é o estranhamento ao olhar urbanista da presença/ausência de uma alteridade semelhante/dessemelhante que a cidade contemporânea nos “devolve”. Tal olhar é confrontado pela exposição “A cara da rua”, realizada na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, que apresenta imagens produzidas por moradores em situação de rua em Porto Alegre que nos permitem pautar questões do urbanismo. Partindo do paradigma conceitual das imagens críticas em Didi-Huberman, um contorno político-estético é evidenciado pelo pensamento por montagens de imagens em choque, que representam a espetacularização e fetichização da vulnerabilidade e exclusão. Este olhar de estranhamento leva ao tensionamento do urbano, contribuindo para um campo de ação alternativo numa interface entre urbanismo e filosofia.

**Palavras-chave:** Urbanismo, política, imagem.

## Abstract

This essay is based on two photographic records that show the presence and absence of homeless people in Porto Alegre city. We see the before and after of their removal from where

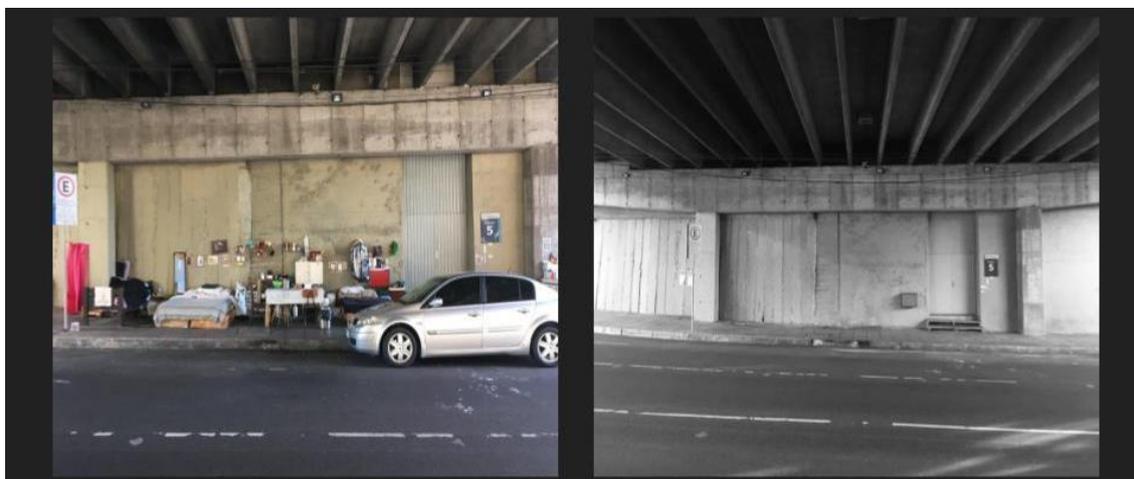
they were installed. The problem to be highlighted is the estrangement from the urbanist view of the presence/absence of a similar/dissimilar otherness that the contemporary city “gives back” to us. Such a look is confronted by the exhibition “A cara da rua”, held at the Faculty of Architecture (UFRGS), which presents images produced by homeless people in Porto Alegre that allow us to identify urbanism issues. Starting from the conceptual paradigm of critical images in Didi-Huberman, a political-aesthetic contour is evidenced by montages of shocking images, that represent the spectacularization and fetishization of vulnerability and exclusion. This estrangement leads to the urban tensioning, contributing to an alternative field of action at an interface between urbanism and philosophy.

**Keywords:** urbanism, politics, image.

## 1. Introdução

O tema deste ensaio se estabelece a partir do estranhamento produzido por duas fotografias registradas entre abril-maio de 2021 que se tornam visíveis como disparadores de questões urbanas contemporâneas. Os registros nos mostram a presença e a ausência de uma família de moradores em situação de rua, apresentando o antes e o depois de sua remoção do local onde estavam instalados, sob o viaduto de pedestres de uma tradicional escola privada da cidade de Porto Alegre. Como é possível pensar o habitar a cidade, em suas dimensões estéticas e políticas, por aquele que está à margem do sistema urbano? O problema que se procura evidenciar diz respeito ao estranhamento do olhar urbanista, com e além da crítica social do espaço, de uma subjetividade outra, que é a capacidade de se afetar pela presença/ausência de uma alteridade semelhante/dissemelhante que a cidade contemporânea nos “devolve” em seus modos de vida cotidianos.

**Figura 1:** Documentos visuais do real cotidiano. O antes e depois sob a passarela da escola.

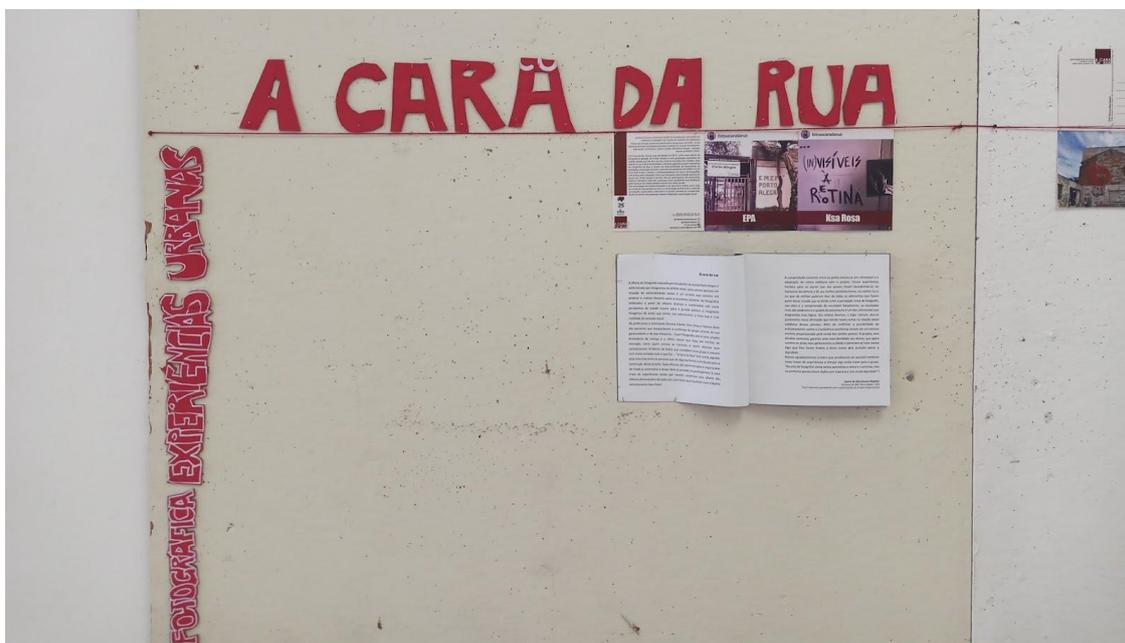


Fonte: Fotografia digital. Autores: Raimundo Giorgi e Paulo Reyes. Porto Alegre, 2021.

Olha-se para tais imagens como documentos visuais do real contemporâneo que nos permitem pautar questões do urbanismo a partir de uma abordagem crítica fenomenológica. A partir do paradigma conceitual das imagens críticas é possível colocar em debate o que significa “o direito à cidade” como um direito universal e evidenciar uma geometria política e estética para as imagens urbanas. Ao posicionar o olhar sobre o habitar a partir da ausência, ou seja, desde sua problematização pelo campo das imagens e filosofia que o documento visual nos coloca, é possível refletir sobre a produção capitalista do espaço em suas contradições e conflitos.

Ao mesmo tempo, quando a presença de um conjunto de fotografias realizadas por moradores em situação de rua se faz concreta no ambiente da Faculdade de Arquitetura (FA-UFRGS), há um outro posicionamento do olhar. Nesse caso, tratamos especificamente da exposição “A cara da rua: experimentação fotográfica, experiências urbanas e geração de renda em tempos de pandemia” que consiste em um projeto de extensão desenvolvido entre a Universidade e a EPA - Escola Municipal de Ensino Fundamental de jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, e a Ksa Rosa - Centro Cultural e Resistência Popular. Tal projeto, conforme lemos nas pranchas de apresentação da exposição, foi realizado através do financiamento PROEXT/UFRGS 2015-2021. Quando as imagens elaboradas por entre essas experiências urbanas-fotográficas, são impressas em grande formato e habitam o espaço da FA, retornamos à condição paradoxal da ausência/presença que as imagens nos conduzem a refletir.

Figura 2: Exposição “A cara da rua”.



Fonte: fotografia digital dos autores. Porto Alegre, 2022.

O objetivo do ensaio é pensar por imagens a realidade urbana contemporânea das cidades brasileiras. Olhar para essas imagens, numa perspectiva filosófica, é um modo de revelar/apresentar conflitos políticos em processos de inclusão e exclusão. Pensemos, nesse sentido, na noção de “direito à cidade”, ou seja, a vida urbana como o possível de uma realização prática e sensível, de encontro e de usos plenos (LEFEBVRE, 2001), mas que parecem desaparecer nos processos de produção formal do espaço. Segue-se uma linha de raciocínio: a ideia de rasgadura posta pela filosofia das imagens em Georges Didi-Huberman, pela sua potência dialética, no sentido benjaminiano do termo; e através de ferramentas conceituais como: visualidade, contrastes dilacerantes, sintoma e sobrevivência. Sobretudo, olha-se para a possibilidade da elaboração de uma política das imagens no contemporâneo, que oferece ferramentas para ensaiar a potência de um olhar estético e político para as imagens urbanas e a realidade das cidades contemporâneas brasileiras.

Articula-se uma revisão de conceitos e noções fundamentais ao problema, que aparecem a partir do choque das imagens que ajudam a pautar o estranhamento crítico colocado pela situação empírica em questão. Nosso olhar dirige-se à existência de uma família de moradores em situação de rua, vivendo debaixo da passarela que liga, sobre a rua pública, dois segmentos de uma tradicional escola privada de Porto Alegre. Tal olhar se coloca a partir do registro fotográfico em duas situações ou momentos: a presença e a ausência na rua em um intervalo temporal de uma semana, e o estranhamento que essa situação de ausência coloca quando confrontada com a presença anterior removida, a partir do olhar de quem está fora dessa situação de vulnerabilidade e exclusão.

Ainda, em um terceiro momento, refletimos sobre a presença do olhar da rua, exposto no interior da Faculdade de Arquitetura, e que nos coloca a pensar sobre a presença desse olhar da alteridade. Dito de outra forma, as imagens da exposição “A cara da rua” apresentam o instante visto de dentro, ou seja, a partir do olhar dos que estão nas ruas em uma situação de exclusão, sobretudo, habitando em simultaneidade um espaço que estruturalmente não lhes é permitido. Desenha-se, desse modo, ao que nos parece, um campo de ação alternativo, mesmo que tímido, mas que nos permite expandir a discussão, e ainda, no sentido político, fazer aparecer (expor) uma presença que se sobrepõe sobre a ausência.

Nesse sentido, em consonância com os objetivos da “Sessão temática 05” do Congresso Arquisur 2022<sup>1</sup>, denominada “Lutas urbanas e práticas insurgentes”, dando relevo a experiências cotidianas de invenção e resistência como uma dimensão constitutiva da cidade contemporânea, assim como a possibilidade de reflexão como uma estratégia determinante para a construção de uma práxis urbana contra-hegemônica, justificamos a pertinência deste ensaio aqui proposto. Nossa intenção, portanto, é pensar as imagens indo além da espetacularização e fetichização de uma situação de vulnerabilidade e exclusão, algo que nos

---

<sup>1</sup> Conforme descrição da apresentação do XL Encontro e XXV Congresso Arquisur na página do evento. Disponível em: <https://www.sisgeenco.com.br/eventos/arquisur/2022/>. Acesso em julho de 2022.

coloca enquanto sociedade corresponsável. Em suma, olhar para essas imagens como testemunhas visuais de uma tensão política é poder ensaiar um pensamento estético e político que tensione a realidade urbana em questão contribuindo para um campo de ação alternativo.

## 2. A aparição da moradia: o que vemos e o que nos olha?

“Não há que escolher entre o que vemos (com sua consequência exclusiva num discurso que o fixa, a saber: a tautologia) e o que nos olha (com seu embargo exclusivo no discurso que o fixa, a saber: a crença). Há apenas que se inquietar com o entre. Há apenas que tentar dialetizar (...)” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.77).

Estamos diante de um vazio, uma incerteza entre espaço e tempo elaborada pela sequencialidade das duas fotografias: antes e depois. Dizemos vazio, pois o antes e depois é apenas uma espécie de ficcionalização entre a imagem onde a presença está evidente, e a imagem em que a ausência nos olha. O que queremos dizer com isso é que pode fazer pouco sentido a operação de pensar um antes e depois (apesar de ser, paradoxalmente, ela mesma a operação que guia nosso problema) pois ela firma o próprio paradoxo dessa imagem, a de uma representação, um documento visual, que nos expõe um tempo não linear. O que vem antes e o que vem depois na intensidade desse paradoxo: ausência ou presença? Essa é uma das inquietações que nos estimula nessa primeira parte da escrita. Estamos disparados por um duplo choque. Por um lado, em meio a presença de um estranhamento (*unheimlich*) lembramos essa noção que nos resgata Didi-Huberman (2010) de sua leitura da psicanálise freudiana. Estamos diante do outro, uma presença que nos suscita o estranhamente familiar da casa, do habitar, apresentado por algo que parece sempre faltar: ora a concretude da casa precária (do outro); ora o próprio abismo que o sujeito que olha experimenta em sua constituição burguesa da casa (nós mesmos). Se instala um dilema ético e político nessa operação do olhar frente a presença.

Figura 3: Presença, A casa sob o viaduto



Fonte: Fotografia digital. Raimundo Giorgi, 2021.

Na Figura 3, “A casa sob a passarela” que nos abre à imagem da presença, não vemos o corpo. Entretanto, ele nos aparece por uma operação da imaginação pela leitura dos seus rastros, objetos que nos dizem da presença de uma alteridade. Uma Phantasia, no sentido que nos diz Didi-Huberman é uma potência de pensamento, uma “imaginação que é capaz de representar mesmo aquilo que não viu” (2015b, p.22) capaz de produzir uma aparição. Tais corpos, portanto, apesar de não estarem plenamente visíveis, nos aparecem, em visualidade. Essa noção de Phantasia, a que remete Didi-Huberman, nos é importante para pensar esse estatuto da visualidade, ou seja, a possibilidade de se fazer apresentar, ou ainda, “aparecer”, mesmo diante da ausência de sinais totalmente legíveis. Há um jogo, portanto, nessa questão da visualidade para além do simplesmente visível de uma evidência da imagem.

Todavia, por outro lado, há o defrontar-se com a ausência, como vemos na Figura 4, a operação que apresenta a evidência da remoção, onde nosso olhar também pousa. Há uma imagem que nos mostra a falta, que nos expurga da presença e nos acentua o não representado. Este é entendido como uma experiência imaginativa que nos coloca em contato

com o outro, não como pura evidência visível, mas como um vestígio, ruído, rastro. A visualidade, portanto, é carregada de fragmentos, de lacunas, sobre as quais nos detemos.

**Figura 4:** Ausência, A remoção da casa.



Fonte: Fotografia digital. Paulo Reyes, 2021.

Desse modo, como já havíamos salientado, há um jogo em questão com a visualidade. Podemos pensá-lo no sentido de uma dialética irresolvida, tal como nos propõe Walter Benjamin, recapitulado no pensamento de Didi-Huberman (2010; 2015a). A partir do paradoxo entre o saber e o ver se faz necessário dialetizar, pensar a tese como a antítese. Essa dialética irresolvida não anseia pelas sínteses, mas sim pelo movimento contraditório, sobretudo, o movimento do próprio pensamento.

Essa imagem crítica, nesse jogo entre presença e ausência, inaugura a segunda parte do ensaio. Pensemos aquilo que tal imagem suscita como problematização da lógica da representação tradicional da cultura urbanística. Diante da imagem de um morador em situação de rua (ou um morador sem teto) somos tocados por uma alteridade, mas ficamos distantes. Permanecemos no dilema.

### 3. Um estranhamento dos corpos na cidade: às instituições e às disciplinas.

Refletiremos sobre a medida de estranhamento que essa dialética irresolvida, ou ainda, o jogo da visualidade entre presença-ausência, nos permite problematizar acerca da lógica da representação tradicional da cultura urbanística. Problematizamos se ainda é possível no conforto do pesquisador, olhar, interpretar, quantificar, analisar as semelhanças e dessemelhanças que nossos métodos científicos permitem. O que de nossa representação, enquanto subjetividades singulares, fica comprometida diante desta (des)razão, de tamanha desigualdade no direito à moradia, no acesso e seguridade e aos direitos básicos enquanto indivíduos compartilhando o espaço de uma cidade?

Propomos, antes de procurar responder a todas essas perguntas, revolver a poeira das imagens. Diante da indiferença à subjetividade do outro, que o contexto do neoliberalismo global, financeirizado e competitivo, não cessa de produzir; diante da ficção da cidade moderna, eficiente, veloz, produtiva, que não cessa de perspectivar a realidade; e ainda, diante da hegemonia dos modelos tradicionais de planejamento, seus métodos e procedimentos, nos colocamos frente a alteridade. O morador sem teto, ausente e presente, estabelece a dialética sem síntese, que nos força a relacionar dois mundos, lembrando o pensamento político de Jacques Rancière (2018): o dos que contam e o dos que não contam, algo que estendemos à lógica do espaço urbano contemporâneo.

As imagens da “ausência” não possuem corpos. Elas são a representação da habitação de uma família em situação de rua que aciona o pensamento das condições em que mais de 220.000<sup>2</sup> brasileiros vivem hoje em meio a epidemia da COVID 19<sup>3</sup>. Elas expõem, ainda, a desigualdade e a desumanidade que se dão no processo violento que envolve uma remoção. Nos fazem saltar aos olhos uma outra violência, aquela explorada pelos surrealistas: um corte nos olhos. Cotidianamente, fecham-se os olhos a estas questões. Um fechar os olhos para não acordar, e ainda se manter no “sonhar” que a disciplina do urbanismo poderia analisar e sistematizar o problema de forma precisa, científica e neutra. Todavia, nos diz Didi-Huberman: “Todo olho traz consigo sua névoa” (2010, p. 77) problematizando acerca do mito de um olho perfeito, ao qual aproximamos aqui de um olhar urbanista, confrontado com a ingenuidade

---

<sup>2</sup> Segundo dados do IPEA, em março de 2020, o número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil era de 221.869. Fonte: Disponível em:

[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT\\_73\\_Disoc\\_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT_73_Disoc_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf). Acesso em: julho de 2021.

<sup>3</sup> Segundo matéria do Portal de notícias DW- Mind for Minds (Brasil) da jornalista Malu Delgado, publicada em 15 de março de 2022, lemos a seguinte chamada: “Brasil tem ‘boom’ de população de rua, que segue invisível”. A matéria explicita a situação de saúde vivida pela pandemia da covid19 como um agravante para o aumento não apenas do número quantitativo de pessoas, mas como do perfil, que inclui mulheres e crianças. Disponível em: Brasil tem “boom” de população de rua, que segue invisível – DW – 15/03/2022. Acesso em: agosto de 2022.

surrealista, ou sonhar o olho em seu estado selvagem. Dessa forma, quando a visualidade das imagens nos corta os olhos, dizemos com isso, metaforicamente, que é outra forma de sentir que entra em jogo, diferente do ficar cego e, com isso, nada ver. Mas sim um corte como símbolo do olhar interrompido que objetiva o fenômeno urbano e nos institui enquanto sujeitos (urbanistas), no logocentrismo confortável de onde é possível determinar verdades sobre a cidade. Mas pensemos naquilo que, apesar das distâncias concretas, nos aproxima: a vontade da casa, ou ainda, problematizado aqui como o “sintoma” da casa, que surge em presenças pela cidade, como aquela exposta pela fotografia.

A prática da vida burguesa sem paredes é um escândalo, como vemos no filme *Dogville* (2003), mas, evidentemente, estamos em termos ainda mais delicados. Estamos em um contexto de vulnerabilidade, e isso nos é determinante. Entretanto, nos permitimos imaginar a ideia da casa, nesse sentido exposto pela presença da imagem, como um sintoma recorrente da cultura comum partilhada. Algo que nos aproxima desse distante real posto pela imagem, além de nossa humanidade dessemelhante, a casa nos atravessa (a nós e a eles, os moradores) como um traço comum, que para tal indivíduo, exposto a tamanha vulnerabilidade, possa ser lido como um sintoma. A casa é um contraste dilacerante, que nos aproxima e nos afasta. Os moradores sob a passarela buscam reproduzir a casa burguesa, com seus objetos, distribuição, segmentação e intenção compositiva. Há ainda um carro estacionado em frente à casa, que evidentemente não faz parte de sua reprodução intencional, mas que compõe um resto ainda mais estranho da subjetividade burguesa contemporânea, como que fora de lugar.

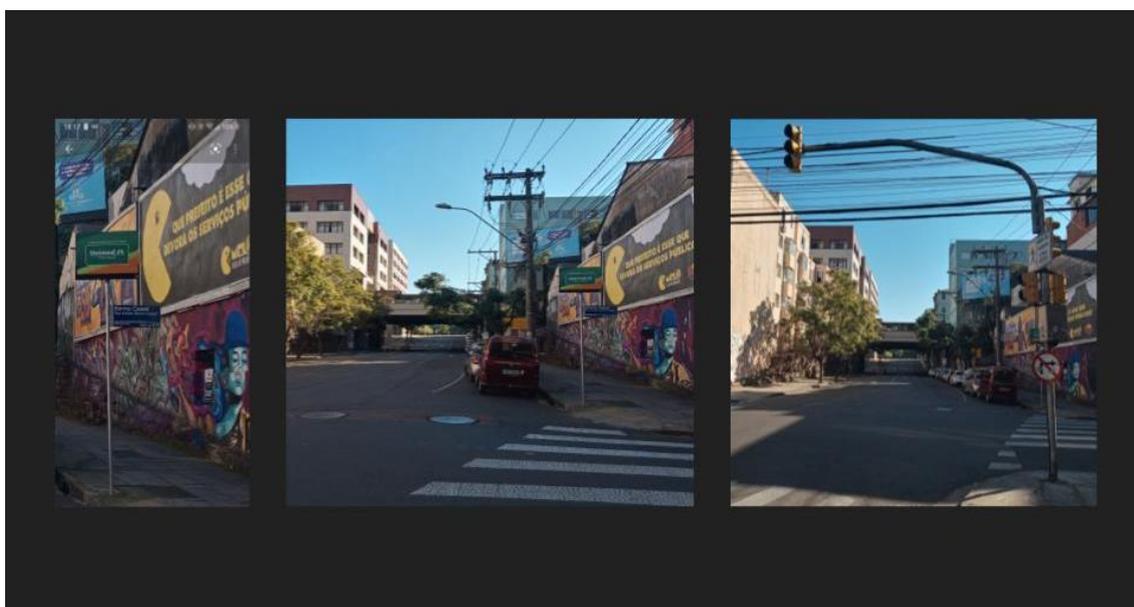
Sobretudo, há uma vontade, velada e silenciosa, que insiste em recortar as coisas fora do lugar. Pensemos o sentido da cidade higienista, na correnteza dos ideários urbanísticos do século XIX e XX, que nos atravessa ainda em nosso tempo contemporâneo. Henri Lefebvre colocou em questão o pensamento urbanístico, preocupado, mesmo que ingenuamente, em velar estratégias de classe a serviço do mundo capitalista (LEFEBVRE, 1999). Assim, podemos pensar que no “sintoma” de uma moradia praticada sobre o passeio público, reside o desejo de uma vida digna na cidade, o desejo de uma casa, de centralidade, o desejo do encontro com as oportunidades possíveis no espaço urbano, pleno, o qual é inacessível aos que estão fora do lugar da lógica capitalista das cidades. Por isso, lemos simultaneamente as “ausências”. Elas nos expõem o que está “fora de lugar” na cidade contemporânea.

Os ideais liberais e republicanos presentes no Brasil do século XIX estavam, na verdade, bem distantes da realidade social, que se mantinha fortemente ligada à estrutura colonial e escravocrata. Para Schwarz (2000, p.11), “toda ciência tem princípios dos quais deriva o seu sistema, e um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. No Brasil, domina o fato ‘impolítico e abominável’ da escravidão”. As “ideias fora do lugar”, então, correspondiam àquelas importadas de outros contextos sociais e que, aqui, sustentavam um campo ideológico que mais dizia sobre o desejo de uma elite e seu poder hegemônico do que, propriamente, da realidade da população brasileira. Pensemos, da mesma forma, em uma cultura urbanística importada e carregada de um sentido higienista.

Em "Às ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias", Ermínia Maricato (2013) nos alerta para a intencionalidade dos impactos na realidade social brasileira, resultantes da contradição entre as leis urbanísticas e as estratégias de planejamento propostas historicamente. Até a Constituição Federal de 1988, os planos urbanísticos mantinham uma correspondência com a cidade legal e seus ideais produtivos, o que levou a ciência do planejamento a deixar de fora uma parte da sociedade: as periferias e seus assentamentos "informais" / "ilegais". Excluía-se os lugares fora das ideias, mas apenas daquelas ideias que escapavam à lógica da representação tradicional e hegemônica da cultura urbanística.

Colocamo-nos em questão, e colocamos junto nossas disciplinas. Colocamos em questão uma lógica que nos ensina (e não cessa de se fazer presente) a sermos higienistas. Uma lógica que nos ensinou a naturalizar a velha expressão da casa: "jogar a sujeira para baixo do tapete". Uma lógica que busca se fazer presente na estetização e higienização de uma pureza da cidade — que contemple um imaginário social da cidade ordenada, limpa, zoneada e funcional — e que insiste em ver a desigualdade como um ruído, ou como sujeira, algo que perturba a visão. Mas há esse ruído político, que vive sob a passarela da escola tradicional da cidade. Há os alunos que transitam por cima, filhos das elites da [mui leal e valorosa] cidade de Porto Alegre, e os moradores "de baixo", que habitam a precariedade da casa-sintoma, em duas realidades que a lógica higienista faz com que não se toquem. Há ainda, a lógica de uma remoção, que se dá silenciosa (ver figura 5).

**Figura 5:** a ficção da cidade Entorno urbano da passarela de pedestres da escola.



Fonte: Fotografia digital. Lucas B. Bittencourt, 2021.

Frente a ficção da cidade democrática e justa e da universidade inclusiva e acessível é preciso imaginar. A casa tão bem representada por uma disposição dos móveis e elementos incomoda porque ela eleva o pensamento do desejo de uma moradia, de estabelecer um lugar. Obriga a pensar no outro como semelhante, mesmo com toda diferença e desigualdade. Mas perguntamo-nos: é possível mesmo remover uma presença? Voltemos o olhar para a última parte de nosso texto. Olhemos para os lampejos que não se deixam apagar, como sobrevivências.

#### **4. A sobrevivência: aqueles que (re)existem apesar de tudo**

Algo que desapareceu, e que, entretanto, ainda pode nos “acenar” para o que sobrevive, entre as imagens, é o que se pode compreender pela palavra *nachleben*. Ela designa, em alemão, a palavra sobrevivência. Seu significado foi preenchido por Aby Warburg, buscando elaborar acerca de um anacronismo presente nas imagens da arte (através de temas, figuras, rastros e traços pictóricos) que não se deixam apagar ao longo do tempo. Dessa forma, tais sobrevivências insistem ao modo de visualidades, e se mostram, relacionando tempos anacrônicos. Se instala, nesse sentido, um dilema estético e político na operação do olhar: somos impelidos a imaginar para dar conta dessas imagens.

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência

É roubar um pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”

Amarelo, Emicida, 2020.

Voltemos para aquilo que não se deixa remover: os rastros, as imagens, os levantes populares, ou paradoxalmente, a presença de uma exposição. Lembrando o texto “Sobrevivência dos vaga-lumes”, de Didi-Huberman (2014), qual a força de um lampejo, frente a todo excesso de luminosidade do tempo que vivemos? Que pode um pequeno vaga-lume, pensando metaforicamente com a energia da natureza, presente nesses seres pequeníssimos? Eles podem iluminar ou riscar o céu da noite escura. Pensemos o estímulo da pequena chama que sobrevive nessas imagens críticas, rastros flutuantes — quando um dispositivo de pensamento é acionado e nos leva a outras imagens — operando em montagem: contrastes e contatos inesperados. Resistência, nesse sentido, se faz como um enfrentamento, constante e cotidiano, onde a remoção se faz brotar em outro lugar, de modos distintos. Ela insiste e faz acontecer sua presença de enfrentamento. É a potência daquilo que

não se deixa remover, tão fácil, frente à assepsia higienista de nossas ficções ordenadoras, como elaboramos anteriormente no texto. Olhemos (Figura 6) para os rastros deixados por pessoas que viviam sobre o passeio público de uma das ruas da cidade de Porto Alegre. Na parede da igreja, vemos a marca deixada, em fuligem escura, do que era um fogareiro improvisado. No chão de pedra basalto estão grudados os fragmentos do papel-papelão que servia de tapete-cama. As pessoas foram removidas. Todavia, a marca de que estavam presentes naquele espaço persiste ainda evidenciando sua ausência. Ausência, entretanto, que sobrevive e nos leva a refletir.

**Figura 6:** rastros minúsculos - Passeio público da Paróquia Santa Teresinha, Porto Alegre.



Fonte: Fotografia digital. Lucas B. Bittencourt, 2021.

Existe o lampejo que insiste, sobrevive, resiste. As marcas pelas cidades de tantas moradas que, dado dia, não chegam mais a ser vistas, estão apagadas, removidas, lavadas. Entretanto ressurgem. Estão em diversos pontos das cidades, instalando seus pequenos confortos frente ao difícil cotidiano de quem enfrenta a fragilidade de estar vivendo sobre as ruas da cidade. Lampejos, sempre plurais, capazes de nos fazer pensar que a forma como as cidades são produzidas e pensadas está em desajuste, e suportada sobre uma (ir)racionalidade humana. Uma racionalidade positivista, ordenadora, que atropela as diferenças e homogeneiza o real em termos apaziguadores. Pensamos a partir da obra de Didi-Huberman, olhando para esses lampejos insistentes, “se tal sobrevivência ultrapassa qualquer juízo moral (...), qual poderá ser o significado, nestas circunstâncias, do verbo resistir? Revoltar-se? (2020, p.14).

Nesse sentido, pensamos fundamentalmente que resistir é se fazer presente, entre contatos que perturbam uma ordenação disciplinadora. É se fazer presente, não sob o estigma das mazelas, mas sobre a intensidade do viver, do olhar: uma dimensão comum e criadora. As imagens da exposição “A cara da rua” insistindo sobre o cotidiano “apaziguado” do espaço da academia acontecem ao modo de lampejos. São sobrevivências, olhares coabitados, imagens plurais e simultâneas, que apresentam essa dualidade contraditória entre o estar e o não-estar. São imagens que fazem insistir sobre a ausência, a presença que se insurge, como arte, comum e tocante: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes” ouvimos com a canção de Emicida. Sobretudo, imagens que nos fazem pensar e que contribuem para um campo de ação alternativo: o relevo de outra sensibilidade e a concretude de outra prática, cotidiana e aberta à alteridade. Presença, em suma.

Exposto no interior da Faculdade de Arquitetura, a presença do olhar da rua representa esse olhar da alteridade. As imagens da exposição “A cara da rua” apresentam o olhar dos que estão em situação de exclusão. Paradoxalmente, no sentido político, expõem uma presença que se sobrepõe à ausência (ver figuras 6, 7, 8 e 9).

**Figura 6:** Imagem da exposição “A cara da rua”.



Fonte: Fotografia. Lucas B. Bittencourt, 2022.

**Figura 7:** Alunos da UFRGS e as imagens da exposição “A cara da rua”.



Fonte: Fotografia digital, Lucas B. Bittencourt, 2022.

**Figura 8:** Aluno da UFRGS e imagem da exposição “A cara da rua”.



Fonte: Fotografia digital, Lucas B. Bittencourt, 2022.

**Figura 9:** Imagens da exposição “A cara da rua”.



Fonte: Fotografia digital. Lucas B. Bittencourt, 2022.

## 5. Para concluir

Evidenciamos o paradoxo, entre a presença e a ausência; o olhar de fora e o de dentro; os pequenos rastros que insistem sobre a rua por onde vivemos. Refletimos acerca da possibilidade política das imagens, que nos orientam numa dimensão estética e política da cultura urbanística. Fizemos isso montando com as imagens que o “real” contemporâneo nos apresenta cotidianamente. Olhados pelo “lugar fora das ideias” é que a tessitura desta escrita se constrói, e assim, o conteúdo ideológico é confrontado pela dimensão política deste encontro.

Buscamos por ler, nesse sentido, imagens fragmentárias, lacunares e contraditórias. Insistências que reluzem, na voz daqueles que se fazem ouvir, ler, e se ver, pelas ruas da cidade, pelos instantes do real que nos cerca. Instantes de felicidade, a potência de criar e compartilhar o olhar de uma vida. É a iminência instantânea do estético e político que revira a poeira de nossas imagens do agora. Nossa leitura dos vaga-lumes da história contemporânea, de nossas cidades da periferia do capitalismo global (e de nossa sociedade) é sua capacidade

de resistência, de re-existência, de presença. De sua capacidade de luta, de intensidade de vida, em força, em sobrevivência, mesmo frente a todas as precariedades e fragilidades.

O olhar do acadêmico aqui não quer se reduzir num enquadramento, num emolduramento da situação da desigualdade retratada nas cidades. Ao trabalhar com as imagens não se busca chegar a uma leitura completa delas, num sentido de domesticá-las e torná-las manipuláveis na ciência urbana, mas sim entender que a dialética das imagens é maior e não permite o seu enquadramento. Buscamos não objetificar tais modos de vida, reconhecendo que essa é uma tarefa sensível, complexa, e até mesmo contraditória. Entretanto, pela elaboração da afecção que tal realidade nos lacera, enquanto subjetividade singular e institucionalizada, sentimo-nos implicados na tarefa de dizer sobre, na tarefa de imaginar, de modo crítico, em montagem. No processo de exclusão e segregação das cidades capitalistas neoliberais se manifesta esse modo de resistência: uma questão de (re)existir apesar de tudo, uma insistência insurgente, um campo de ação alternativo. Essa presença grita, ou então, simplesmente: olha, canta, pula, fotografa, seus reflexos e o cotidiano urbano que se apresenta aos sentidos, para além do olhar acadêmico. Segue sempre à espera de uma revolução por vir, de uma cidade outra. É a irredutível tarefa política pela qual o nosso olhar busca por ser tocado, um urbanismo outro, que não apague outras existências.

#### Referências:

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 a.

\_\_\_\_\_. **Falenas. Ensaios sobre a aparição**. Trad. A. Preto, E. Brito, M. P. Santos, R. P. Cabral, V. Brito, Lisboa, KKYM, 2015 b.

\_\_\_\_\_. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, [2009] 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2018.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Editora 34, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARICATO, E. *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias*. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Orgs.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.